

## CONJECTURAS ENTRE HISTÓRIA, IMAGEM CORPORAL E SEDUÇÃO NA LINGERIE FEMININA

Conjectures of history, body image and seduction in lingerie

SOUZA, Carolina de Cássia de; (Bacharel; Universidade Feevale) carolinadecassia@feevale.br

GIONGO, Marina Anderle; (Mestranda; Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS) marina.giongo@ufrgs.br

HEINRICH, Daiane Pletsch; (PhD; Universidade Feevale) daiaph@feevale.br

### Resumo

O trabalho que aqui se apresenta teve o objetivo de averiguar como se deu a evolução da roupa íntima feminina junto à emancipação da mulher, bem como sua percepção corporal e relação com a lingerie como meio de sedução. Este trabalho é parte dos resultados de pesquisa realizada como trabalho de conclusão do curso de Moda da Universidade Feevale.

**Palavras-chave:** História da lingerie; Imagem corporal; Sedução.

### Abstract

The work presented here aimed to ascertain how was the evolution of women's underwear with the emancipation of women, as well as your body perception and relationship to lingerie as a way of seduction. This work is part of the results of research as a final project of Fashion graduate at Feevale University.

**Keywords:** History of lingerie, Body image; Seduction.

### INTRODUÇÃO

O corpo feminino desde sempre é adornado e enfeitado, a fim de enaltecer a beleza da mulher. A *lingerie* é utilizada também como adorno no intuito de tornar o corpo feminino ainda mais sedutor e atraente.

A representação do feminino como divino e sensual interfere no imaginário da mulher e do homem, criando uma proximidade com o produto de *lingerie*. A mulher quer seduzir ao mesmo tempo em que o homem quer ser seduzido. A *lingerie* é, portanto, um produto destinado não somente ao público

feminino. Os produtos são vestidos pelas mulheres, mas também podem ser comprados e utilizados, de forma indireta, pelo público masculino. Dessa forma o homem passa também a ser público alvo do produto.

A lingerie, que é tida como objeto de sedução e fetiche, é foco deste estudo, através da relação que a mulher estabeleceu com este produto e seu corpo percebido ao longo da história.

## **CORPO E IMAGEM CORPORAL NA HISTÓRIA DA MULHER**

Desde os primórdios da humanidade o corpo é objeto de estudo e polêmica. O corpo, que na antiguidade era discutido através do estudo da estética pelos filósofos, hoje é abordado pelas mais distintas áreas de conhecimento, que buscam compreender suas funções e disfunções, suas necessidades, fraquezas, superações e transformações.

O corpo com suas variações, como: juventude, sexualidade, beleza, saúde, erotismo, performances, aprimoramento, metamorfoses, hibridizações, potencialidades, extensões, próteses, transplantes têm ocupado a cena, enquanto velhos paradigmas, limites, formas e tabus vão ruindo frente às descobertas e aos experimentos. (CARLLI, 2009, p. 12)

O filósofo Merleau-Ponty (2002) constata que “como corpo, sou exposto ao mundo”. Sem essa matéria a que chamamos de corpo, não seríamos visíveis e através dela é que somos expostos ao mundo, nos comunicamos utilizando esse corpo como forma de linguagem, de expressão, através de gestos, comportamento e estereótipos.

Castilho (2004) afirma que o corpo

se manifesta como uma estrutura semiótica da qual o ser humano não se desassocia, ao mesmo tempo em que a utiliza para instaurar significados, explorando as mais diversas possibilidades de sua expressão. (CASTILHO, 2004, p. 84)

Mesquita nos fala que o século XX veio privilegiar a idéia do corpo como uma linguagem, meio de informação além de trazer a idéia de identidade individual e expressão do eu. Além das diversas possibilidades de “interferência, decoração, transformação, [...] tecnologização e mercantilização

do corpo em várias instâncias: da compra de maiores peitos e bumbuns ao comércio de órgãos e óvulos. (MESQUITA, 2004, p. 61)

Além dessas variações corporais causadas pelo próprio homem por interferências cirúrgicas e/ou por utilização de vitaminas, esportes, ginásticas, regimes, ou até mesmo pela utilização de indumentárias que proporcionam mudanças no corpo, os seres humanos, naturalmente, já possuem biótipos diversos. Essa diversificação se dá devido às diferentes raças existentes, variando assim, a estrutura corporal, dimensões, forma, cor da pele, cabelos, olhos.

Quem você se destina a ser foi determinado no momento da concepção pela maneira como o seu código corporal herdado organizou o seu tipo corporal constitucional. O processo somático tem muito a dizer sobre o modo como cada um experimenta seu senso de si e os mitos e histórias com os quais o identifica. (KELEMAN, 2001, p. 33)

De forma semelhante, Grave (2004), diz que “os corpos possuem diferenciações de padrão, tanto em diâmetro como no alongamento, além de sofrer interferências ao longo da existência humana.” Assim como

Existem características especiais, mesmo fora das características sexuais. As raças se diferenciam pelo agrupamento: branca, negra, amarela e mestiça. O biótipo consiste nos caracteres hereditários que definem grupos pela inter-relação. (GRAVE, 2004, p. 34)

Quanto à Imagem corporal, o termo é utilizado para a percepção do próprio corpo, ou seja, a imagem que um indivíduo tem do seu corpo. A imagem corporal está intimamente ligada à auto-estima e ao desenvolvimento da personalidade, um indivíduo com uma boa imagem corporal é mais confiante (FAN, 2004).

Até o início do século XX, é difícil ter dimensão de como a mulher percebia o próprio corpo. A imagem corporal era criada através da indumentária, que alterava a silhueta feminina conforme um padrão social. As mudanças nos papéis da mulher na sociedade interferiram nesse processo, inicialmente pela ação de alguns indivíduos, mais tarde por movimentos

feministas e por fim com o desenvolvimento do sistema de moda. Hawthorne expõe seu fascínio ao notar que, “quanto mais as mulheres tiveram a chance de tomar as rédeas das próprias vidas, mais provocantes e sensuais foram se tornando as roupas de baixo que elas usavam.” (Hawthorne, 2009, p.47)

## LINGERIE E SEDUÇÃO

João Braga conceitua o termo *lingerie*:

“A palavra ‘lingerie’ vem do francês e significa toda peça do vestuário feita em *linge*. *Linge*, por sua vez, é todo tecido de fios de linho, algodão e náilon, entre outros, usado nas roupas de baixo e, também, para cama e mesa, normalmente na cor branca.” (BRAGA, 2007, p. 73)

Rossetti (1995), simplifica o termo como roupa de dormir ou roupa-branca feminina.

No dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, o verbete se apresenta como “roupa íntima feminina, considerada em conjunto ou como peça individual, aquela que é de fina qualidade e com ornamentos (bordados, rendas) (...)” (HOUAISS, 2001).

A lingerie como conhecemos hoje, levou décadas para ser aceita no cotidiano feminino, porém suas origens são muito mais antigas.

Um dos primeiros registros de mulheres usando uma cobertura especificamente para os seios e o órgão sexual está no mosaico romano de uma vila em Piazza Americana, na Sicília, nos séculos III e IV a.C., no qual mulheres praticam ginástica cobrindo os seios com uma banda de tecido chamada *strophium* e o órgão sexual com uma espécie de tanga semelhante às atuais calcinhas. (BRAGA, 2007, p. 74)

Essas vestes (a calcinha e o sutiã) ficaram por muito tempo sem utilidade, até desconhecidos, pois as mulheres passaram a usar os corseletes e os calções até os tornozelos ou joelhos. E assim, “as mulheres só começaram a usar ceroulas na década de 1830” (KÖHLER, 2001, p. 536).

“A grande época da roupa íntima” (STEELE, 1997, p. 125) abrangeu os anos entre 1890 e 1910, período em que a roupa íntima passou a concentrar o interesse sexual.

O primeiro sutiã foi concebido em 1913 por Mary Phelps Jacob, uma senhora da alta sociedade de Nova Iorque, como afirma Cicerone (2011). Hollander fala que

o sutiã moderno, aperfeiçoado na década de 1930, foi projetado para deixar seios de todos os tamanhos moverem-se com o corpo, sustentá-los protetoramente em bolsas macias sem pressioná-los para cima ou para dentro, como os rígidos corpetes haviam feito, mas também sem deixá-los cair. (HOLLANDER, 1996, p. 185)

Mas foi a partir da década de 1950 que ocorreram mudanças significativas nas roupas de baixo, “quando o sutiã ganha modelagem mais anatômica ao volume das mamas, evidenciando as formas quase esféricas.” (BRAGA, 2007, p. 77).

Sobre as calcinhas, Hawthorne (2009), diz que sua história “mal chega a cobrir dois séculos de existência.” e que “(...) foi por volta de 1800 que as calcinhas tiveram sua primeira grande chance de fazer história.” (HAWTHORNE, 2009, p. 13 e 15)

Devido aos adventos da Guerra, as mulheres passaram a ter que assumir papéis que até então eram somente dos homens. Para tanto, foi preciso abandonar os tradicionais trajes femininos, procurando por utilização de vestes mais confortáveis e de acordo com as funções que viriam a exercer. Assim os antigos corseletes e espartilhos foram substituídos por sutiãs e as anáguas e calças de baixo até os tornozelos foram gradualmente reduzidos até chegarem às calcinhas que conhecemos hoje. Dando assim, mais mobilidade e liberdade aos movimentos das mulheres.

João Braga explica ao enfatizar que

com a chegada da I Guerra Mundial, chega também a liberdade para as mulheres, uma vez que elas deixam de usar seus respectivos espartilhos, já que foram para o mercado de trabalho em razão da ausência masculina que se desloca para o campo de batalha. (BRAGA, 2007, p. 76)

E segue no mesmo contexto dizendo que “peças íntimas separadas, ou seja, com a característica de duas-peças, já são usadas desde a queda do espartilho”. Já as peças elásticas, “por causa do aspecto grosseiro da borracha, evoluem lentamente a partir dos cintos para suporte de trabalho do período da I Guerra Mundial.” (BRAGA, 2007, p. 77)

Bonnie Holt Ambrose comenta que “Caresse Crosby, o líder da moda americana, em 1915, em tentativas de melhorar o projeto do busto do sutiã, teve seus esforços realizados em cheque, somente após o final da guerra.” (AMBROSE, 1997, p. 200, tradução nossa). Anos após,

Howard Hughes, construtor de aviões inventou, nos anos 1950, o sutiã aerodinâmico para sustentar os seios da atriz Jane Russell. Na mesma década surgem os sutiãs com enchimento de espuma que vão perdurar até a década seguinte. Nos anos 1970, aparecem os sutiãs rendados e a transparência das roupas íntimas em peças anatomicamente desenhadas e em materiais aderentes e confortáveis, à base de fios de elastano na composição têxtil.” (BRAGA, 2007, p. 77)

Após as mulheres conseguirem restabelecer sua feminilidade e sexualidade através da lingerie, como no caso da ascensão do sutiã, que as libertou do espartilho proporcionando mais autonomia em suas ações, elas protestam contra essa visão que parece novamente enquadrar a mulher como objeto sexual, como símbolo dessa feminilidade e também adquirida liberdade.

A esse respeito, Cicerone (2011) comenta que “em 1968, nos Estados Unidos, as feministas queimam os sutiãs, símbolo da imagem tradicional da mulher, numa tentativa de libertação dos antigos estereótipos.” (CICERONE, 2011, p. 45) Hoje, porém, as mulheres tornam a utilizar a lingerie como meio de sedução e também de conforto, proteção e higiene.

A evolução de modelagens, tipos e materiais das lingerie chegou a tal ponto, que hoje é possível encontrar uma variedade sem fim. Calcinhas e sutiãs sem costura, rendadas, com tecidos inteligentes que proporcionam hidratação, com tratamento antibacteriano e até mesmo comestíveis.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As lingerie são desenvolvidas não somente para proporcionar proteção, higiene e conforto, mas também como objeto de fetiche, tanto para os homens como para as mulheres. A questão é que devido a esse aspecto, acabam muitas vezes deixando em segundo plano o conforto físico, pensando somente no psicológico, observando mais questões estéticas, que seriam a aparência da peça de lingerie, se ela possui características que a considerem bonita ou sexy e não ergonômica e confortável.

As peças de *lingerie* são consideradas, de certa forma, como objeto de fetiche. Fazendo às vezes de fantasia para incitar o desejo sexual. Tais fantasias povoam o imaginário humano, fazendo da *lingerie* um produto de forte aceitação entre o público feminino e também o masculino.

## Referências

- BRAGA, João. **Reflexões sobre a moda**. Volume I. 4ªed. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2008. 112p.
- BRAGA, João. **Reflexões sobre a moda**. Volume II. 2ª ed. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2007. 96p.
- CARLI, Ana Mery Sehbe de. **O corpo no cinema: variações do feminino**. Caxias do Sul: Educs, 2009. 232p.
- CASTILHO, Kathia. **Moda e linguagem**. São Paulo, SP: Anhembi Morumbi, 2004. (Coleção moda e comunicação). 207p.
- CICERONE, Paola Emília. Seduções íntimas. In: **Mente e cérebro**, São Paulo, SP, Ano XVIII, n.º 219, p. 42 – 49, abril 2011.
- GIONGO, Marina Anderle. **Avaliação da percepção de conforto pelas usuárias de calcinhas**. Monografia de graduação em Bacharelado em Design de Moda e tecnologia – Instituto de Ciências Exatas e Tecnológicas – Universidade Feevale, Novo Hamburgo – RS, 2010.
- GRAVE, Maria de Fátima. **A modelagem sob a ótica da ergonomia**. São Paulo, SP: Zennex Publishing, 2004. 103p.
- HAWTHRNE, Rosemary. **Por baixo do pano: a história da calcinha**. São Paulo: Matrix, 2009. 133p.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. (Instituto Houaiss). **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 2925p.

HOLLANDER, Anne. **O sexo e as roupas**: a evolução do traje moderno. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. 260p.

KELEMAN, Stanley. **Mito e corpo**: uma conversa com Joseph Campbell. 2ª ed. São Paulo: Summus, 2001. 117p.

KÖHLER, Carl. **História do vestuário**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 564 p.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A prosa do mundo**. São Paulo: Cosac e Naif, 2002. 191p.

MESQUITA, Cristiane. **Moda contemporânea**: quatro ou cinco conexões possíveis. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2004. Coleção moda e comunicação. 127p.

ROSSETTI, Ana. **Roupas íntimas**: o tecido da sedução. São Paulo: Martins Fontes, 1995. 145p.